INTRODUÇÃO A TEORIA DO PROJETO

Edson da Cunha Mahfuz, Arq. PhD
(Prof. Titular, UFRGS)

Ao iniciar a redação deste pequeno texto introdutório ao primeiro livro brasileiro contendo o pensamento e a obra de Helio Piñón, me preocupava a relação que o prólogo deveria manter com a parte principal do livro, que é o que realmente importa.

Essa preocupação tinha a ver com uma série de outras introduções das quais me lembrava sem grande entusiasmo. Há introduções meramente burocráticas, em que alguém que mantém uma relação distante com o livro –um patrocinador ou dirigente de alguma instituição-- apresenta algo que não conhece e fala sem dizer nada. Outras são enfadonhas, longas, falsamente profundas, que acabam competindo com o que segue, obscurecendo o entendimento do material mais importante e, não raro, nos fazem desistir da leitura do livro em questão. É o caso de quem vê o prólogo como uma oportunidade para aparecer e talvez competir com o autor do livro.

Como bem disse Jorge Luis Borges, "o prólogo, na triste maioria dos casos, se aproxima da oratória de após jantar ou dos elogios fúnebres, e abunda em hipérbolos irresponsáveis, que a leitura incrédula aceita como convenções do gênero".

Em outros casos, a introdução de alguém famoso avaliza o trabalho de um autor iniciante, lhe credencia à atenção dos leitores. Em poucos casos, no entanto, o prólogo não é uma forma subalterna de brinde, e pode auxiliar, ainda que marginalmente, no entendimento da relevância do trabalho que introduz.

Espero que o presente prólogo não caia em nenhuma daquelas categorias. Escrevo esta nota na capacidade de alguém que muito tem aprendido com os projetos e textos de Helio Piñón --o próprio trabalho de tradução do texto foi instigante e educativo-- e que espera que outros também se beneficiem do contato com esse material. Assim, pretendo apenas salientar alguns aspectos da sua obra projetual e teórica cuja percepção possa não ser imediata para o leitor brasileiro, especialmente aqueles mais jovens.

Como estudante de arquitetura nos anos setenta, embora ainda não fosse consciente da sua relevância, pude testemunhar o abandono progressivo dos princípios projetuais da modernidade, quase sem oposição, e o aparecimento de

uma série de doutrinas que tiveram vida curta e quase nenhuma relevância real, mas que tem atrapalhado tremendamente o objetivo que alguns ainda alimentam de criar uma arquitetura autêntica e relevante.

Hoje me dou conta de que aqueles princípios nunca foram de todo claros. Aprendíamos indiretamente com os mestres e quase por osmose com seguidores locais, anônimos mas bastante capacitados, mas a falta de uma explicitação dos reais valores da modernidade em arquitetura, e do significado projetual da arquitetura moderna fez com que não tivéssemos como nos contrapor aos seus detratores. É surpreendente e mesmo entristecedor encontrar na imensa maioria de textos publicados na segunda metade do século passado, e até nos mais recentes, muitas vezes escritos por arquitetos respeitados, um quase total desconhecimento dos valores e da contribuição modernista. Sempre encontramos as mesmas explicações e as mesmas acusações, e quase nada do que faz da modernidade arquitetônica um fenômeno transcendental no âmbito do projeto é apresentado.

É exatamente em relação a isso que a produção teórica e projetual de Helio Piñón ganha importância. Apesar de não ser o único a salientar os valores modernos, não creio haver ninguém que o faça com tanta convicção, persistência e credibilidade.

A importância do trabalho de Helio Piñón reside em três pontos fundamentais. O primeiro é o fantástico trabalho que desenvolve no sentido de esclarecer o que é realmente relevante na arquitetura moderna. Deixando de lado explicações deterministas baseadas em fatores sócio-técnicos, Piñón nos revela a modernidade como modo de conceber, e revela a sua utilidade permanente para a atividade projetual, deixando pelo caminho um grande número de mitos e clichês sob os quais tentaram sepultar a arquitetura moderna. Não foram poucos, e entre eles me incluo, os que redefiniram o seu caminho projetual a partir do conhecimento dos textos e projetos de Helio Piñón.

O segundo ponto importante é a total sintonia existente entre os vários ramos da sua atividade profissional. Os mesmos temas e preocupações estão presentes na sua prática de projetos, no seu ensino universitário e na sua produção teórica -- poderia-se incluir também a sua atividade editorial, publicando a obra de arquitetos que julga importantes. Ao contrário de muitos outros arquitetos, em que a produção teórica é desconectada da prática, há uma continuidade facilmente perceptível entre os projetos de Helio Piñón, seus textos, suas conferências, e o que publica sobre outros arquitetos. Isso transmite confiança aos seus estudantes e leitores, que vêem suas convicções aparecerem reiteradamente de vários modos: como reflexão, como procedimento didático, como forma própria e como forma identificada naquelas arquiteturas que lhe são afins.

O terceiro ponto tem a ver com alta qualidade dos seus projetos, boa parte dos quais estão publicados neste livro. Aqueles para os quais a arquitetura não tem o propósito de causar impacto nem espanto, que valorizam o surgimento da forma a partir de cada situação projetual específica, e que se dispuserem a observar cuidadosamente cada projeto, certamente aprenderão muitíssimo com eles. Um aprendizado que, bem ao gosto de Piñón, se caracterizará pela extração de critérios gerais de projeto, e pelo desenvolvimento da capacidade de extrapolá-los a outros casos.

Eu celebro a publicação deste livro, pois já era hora de o pensamento e a arquitetura de Helio Piñón serem mais conhecidos no Brasil, local em que a modernidade tão admirada por ele frutificou de modo tão admirável.

Maio 2005